

A SOCIEDADE NO SUJEITO: AS PERSONALIDADES DESCRITAS POR ADORNO

Um dos resultados da pesquisa realizada no departamento de psicologia da Universidade de Berkeley foi o desenvolvimento de uma tipologia dos antissemitas, ou potencialmente antissemitas. Essa tipologia será exposta aqui com o objetivo de pensar como seria possível juntar ciência e reflexão, de modo a não possibilitar que a rigidez científica seja compreendida apenas instrumentalmente, e como mera classificação sectária dos sujeitos. Se, por um lado, classificar faz parte do empreendimento científico para possibilitar o conhecimento da realidade efetiva, por outro, constitui um meio de conhecimento, e não o conhecimento por si só. Deve ficar claro que, em momento algum, os conteúdos dos tipos serão utilizados para classificar os sujeitos desta pesquisa; ao contrário, a partir deles, pode-se compreender como a sociedade determina as dinâmicas individuais. Embora esta parte possa parecer extensa e desvinculada da pesquisa, trata-se de uma base para se pensar um outro modo de conhecimento. Ao mesmo tempo, tal tipologia foi escolhida também por seu conteúdo, uma vez que não trata a violência irracional como uma categoria apenas individual, o que inclui uma crítica aos modelos, inclusive de boa conduta, menos por seu conteúdo, e mais pela heteronomia que reforça.

Na obra *A personalidade autoritária*, Adorno e colaboradores (1969) explicam, no capítulo dedicado à tipologia, o objetivo dessa classificação, diferenciando-a de outras estáticas, que eles mesmos criticam e que, na época, era um dos conceitos da psicologia americana mais profundamente questionados. Ali, a crítica dava-se em dois níveis: primeiro, no da impossibilidade de as tipologias alcançarem o único, a individualidade; e, segundo, pela não validade estatística de sua generalização, portanto, pela sua improdutividade. Uma prova que os autores citam é

a necessidade de as várias tipologias criarem tipos mistos, que acabam por negar os construtos originais. A principal argumentação é que essas tipologias aplicam conceitos rígidos em uma vida psicológica supostamente fluida. Originadas da psiquiatria, aquelas tipologias surgem da necessidade terapêutica de classificar doenças mentais e facilitar o diagnóstico e o prognóstico. Mantêm-se, então, descritivas, estáticas e estéreis. A crítica à tipologia positivista é plausível, pois aponta para a subsunção dos indivíduos em classes preestabelecidas, que definem, inclusive, o seu destino a despeito de suas qualidades específicas, como ocorreu com os judeus na Alemanha e a decisão, embora baseada em classificações, arbitrária por sua vida ou morte. A rigidez das tipologias manifesta exatamente a mentalidade guiada por estereótipos que constitui o preconceito.

Porém, em se tratando justamente de um estudo sobre o preconceito, com cautela, Adorno e colaboradores (1969) questionam a aversão à classificação que se estabelece quase como um tabu e não leva em conta sua necessidade científica e mesmo prática. Essa aversão implicaria em admitir que a relação entre comportamentos humanos em determinadas situações objetivas e a vida psíquica é, por essência, inexplicável. Para os autores, trata-se de redefinir o problema da tipologia, e não simplesmente de negar a existência de sua plausibilidade. O caráter não dinâmico, antissociológico e quase biológico é oposto tanto ao trabalho desenvolvido quanto aos resultados empíricos desses autores (Adorno *et al.*, 1969). Seu objetivo não é dividir o mundo em “lobos” e “cordeiros”, mas sistematizar experiências o mais livremente possível, enfatizando o pensar produtivo sabotado pela linearidade da ciência organizada segundo o método positivo. A pretensão não é de uma tipologia arbitrária, que violenta a complexidade humana, mas, sim, que seja baseada na estrutura da realidade psicológica:

A razão para a persistente plausibilidade da aproximação tipológica, contudo, não é uma estática biológica, mas exatamente o oposto: dinâmica e social. O fato de que a sociedade humana tem estado dividida em classes afeta mais que as relações externas dos homens. As marcas da repressão social são deixadas na alma dos indivíduos. (Adorno *et al.*, 1969, p. 747)

Estes mesmos autores se referem à padronização e à rigidez da cultura de massa, que marcam cada vez mais o processo social. A simples oposição à classificação baseada em um discurso do individualismo pode se tornar também ideológica, pois tende a negar a qualidade inumana da sociedade e sua tendência atual de classificar os próprios sujeitos. Assim, torna-se também importante não negligenciar o fato de que a maior parte das pessoas não é mais, ou nunca foi, constituída por indivíduos no sentido estrito da filosofia do século XIX, uma vez que a existência na sociedade de massas, como já explicitado, é amplamente determinada pelos *tickets* e por um processo social padronizado, poderoso e onipresente. Para os autores, seus tipos justificam-se pelo fato de que o mundo atual já está tipificado, assim como produz pessoas desse mesmo modo³.

³ Em nota de rodapé na página 749, Adorno e colaboradores (1969) atentam que é necessário distinguir dois conceitos de tipos: o tipo “real” e a pessoa e seu mero pertencimento a uma classe lógica que a define de fora. Segundo os autores, por um lado há de fato sujeitos que são literalmente tipos, “pessoas tipificadas” que são amplamente reflexos dos mecanismos sociais. No entanto, por outro lado, algumas pessoas só poderiam ser consideradas tipos em um sentido lógico-formal, podendo ser caracterizadas pela ausência de “qualidades-padrão”. Horkheimer (1996), ao comentar a tipologia desenvolvida por Adorno, que seria publicada na revista do Instituto de Pesquisas Sociais como um resultado parcial dos estudos sobre preconceito, afirma: “Se, no período atual, alguém nasce numa família Gentil comum não tem que ser um “tipo” ao invés de ser antissemita. Ele simplesmente aprendeu a falar mal dos judeus de modo desrespeitoso, tal como poderia ter aprendido a beber demais, contar piadas sujas [...]” (p. 656). Nessa mesma carta, Horkheimer afirma ser contra a tese de que o antissemitismo é uma neurose, por alguns motivos, dentre os quais: 1. O antissemitismo é um elemento

A identificação dos traços deixados pela estereotipia, no sentido de chegar próximo a um entendimento pela via da conceitualização da diversidade, e não sua negação ou mesmo a mera descrição dos fatos psicológicos, seria um desafio à tendência perniciosa da rígida classificação.

No entanto, o desenvolvimento de uma tipologia neste estudo está ligado ao seu objetivo inicial: de criar armas contra o preconceito, mesmo reconhecendo a insuficiência da psicologia contra uma organização social. Além disso, preconceito não é considerado “doença”, e a maioria dos sujeitos preconceituosos é muito mais bem adaptada ao sistema. Porém, o ponto que faz que se persista na questão psicológica é a necessidade que o pensamento fascista tem das massas de pessoas, por isso a importância de buscar conhecer sua dinâmica interna (Adorno *et al.*, 1969).

O esboço de tipologia apresentado por Adorno e colaboradores (1969) seguiu três critérios: primeiro, não classificar seres humanos, ou dividi-los estatisticamente. Tentou-se organizar traços e disposições de acordo com um contexto em que fizessem sentido estruturalmente, buscando a gênese dos conflitos psicológicos. Segundo, realizar uma tipologia crítica na medida em que se compreende que a própria tipificação das pessoas é uma função social. Assim, se as características explicitadas em um tipo forem por demais rígidas, o objetivo dessa rigidez é denunciar as marcas sociais, uma vez que quanto mais “tipificado” o sujeito se apresenta, mais ele expressa o potencial fascista que contém inconscientemente. E terceiro, desenvolver uma tipologia que possa ser utilizada segundo os objetivos

universal da educação e das condições sociais gerais; 2. Ele se questiona se, em uma família antissemita, aquele que se comporta mais neuroticamente é um filho que trata mal os judeus ou outro que segue as “doutrinas de bom comportamento e boa vizinhança”; 3. Por razões metódicas que abrangem o delineamento entre psicologia e economia política.

do estudo, e que, sendo simples para a identificação imediata de características, abra espaço para a relação do critério psíquico com o social, já estabelecida no curso do trabalho. No entanto, esses autores (1969) reconhecem que na organização da tipologia se fez uma relação direta com os dados empíricos, limitados, é claro, pelos procedimentos de coleta de dados (entrevistas e questionários com pessoas que pontuaram nos extremos da escala de fascismo), pelo grupo estudado e pela teoria psicanalítica utilizada como orientação do trabalho. Por isso, devem ser consideradas como tentativas e têm de ser revistas na realização de futuras pesquisas.

Os tipos foram descritos de acordo com a pontuação dos sujeitos na escala de fascismo. Embora sejam seis os tipos descritos em relação àqueles cuja pontuação foi alta, Adorno *et al.* (1969) apontam que se trata de uma só “síndrome geral” composta de uma “unidade estrutural”, distinguível das diversas existentes entre aqueles cuja pontuação foi baixa. Isso ocorre porque determinados traços medidos pela escala de fascismo, como submissão à autoridade, agressividade, projetividade, superstição e estereotipia, preocupação exagerada com questões sexuais, e manipulação, por exemplo, costumam aparecer conjuntamente. Assim, os seis tipos existentes entre os de pontuação elevada não pretendem isolar tais traços, mas compreender sua estrutura geral. O que diferencia é a ênfase dada a um traço ou outro e não exclusivamente a existência de um. Além disso, tais traços são dinâmicos, o que permite a transição de um tipo para outro, de acordo com a existência de fatores específicos, ou seja, não se trata de uma escala de medidas. Referem-se não ao preconceito aberto, mas a potencialidades, e aqui uma questão psicológica que seria inofensiva passa a ser importante dentro do esquema do trabalho. De modo geral, o interesse no potencialmente preconceituoso foi focado por sua maior estereotipia em relação aos de baixa pontuação.

Se, por um lado, a direção da pesquisa, realizada em um departamento de psicologia, levou os autores a enfatizar determinantes psicológicos, segundo Adorno *et al.* (1969), por outro, não foi esquecido que o preconceito não é totalmente e apenas psicológico ou subjetivo. Constantemente lembraram da ideologia e da mentalidade fomentadas pelo espírito objetivo da sociedade, e da produção do caráter potencialmente fascista pela interação entre o clima cultural e as respostas individuais a esse clima. Assim, opiniões, ideias, atitudes e comportamentos não foram considerados como originados de um desenvolvimento psicológico auto-suficiente e de um pensamento autônomo, mas como pertencentes à cultura. Ou, como afirmou Horkheimer (1996),

O anti-semitismo é um aspecto cultural da sociedade moderna. O ser humano comum, que vive em uma distância de alcance da maquinaria ideológica da dominação da massa, pensará mal dos judeus e poderá ser induzido sem grandes dificuldades para concordar com a mais violenta expressão do anti-semitismo (p. 657)⁴.

Nesse mesmo sentido, porque os sujeitos com uma pontuação baixa na escala de fascismo pareceram ter muitas características em comum com aqueles que tiveram uma alta pontuação, buscou-se também compreendê-los, tentando mapear o momento em que o preconceito se torna objetivo. Ou seja, buscar chaves que abram caminhos para se pensar as diferentes reações dos sujeitos frente ao mesmo clima cultural (Adorno *et al.*, 1969). A seguir, serão apresentados as configurações psicológicas ou os tipos e síndromes e, também, como são denominados e definidos por Adorno e colaboradores (1969).

⁴ Carta a Adorno de 11 de outubro de 1945.

Os sujeitos que pontuaram no topo da escala de fascismo foram distintos, como citado, em seis tipos: ressentido superficial (*surface resentment*), convencional (*conventional*), autoritário (*authoritarian*), rebelde e psicopata (*rebel and psychopath*), maníaco (*crank*) e manipulativo (*manipulative*). Já aqueles que obtiveram pontuação no outro extremo foram cinco: rígido (*rigid*), contestador (*protesting*), impulsivo (*impulsive*), pacato (*easygoing*) e liberal genuíno (*genuine liberal*).

O ressentido superficial, mesmo que fomentado pelas “fontes instintuais profundas”⁵ (Adorno *et al.*, 1969, p. 754), é representante do aspecto sociológico que os autores pretenderam não negligenciar. Em sua construção, nada é dito a respeito de fixações psicológicas ou mecanismos de defesa. O ressentido superficial pode ser reconhecido em termos de ansiedades sociais justificadas ou não. Ele não é por si mesmo um “tipo psicológico”, mas uma condensação da manifestação mais racional do preconceito, consciente ou pré-consciente. Diferente dos outros tipos existentes entre aqueles que tiveram altas pontuações na escala de fascismo, é caracterizado pela relativa abstenção da motivação racional, ou simplesmente, “racionalização”. Aceitam os estereótipos de preconceitos como fórmulas prontas, com uma atitude geralmente acrítica. No entanto, em vez de racionalizarem, limitam-se à “aderência” a eles de modo mecânico, o que resulta em dificuldades para sua própria existência. Para tais estereótipos, não parece se voltar muita libido, por isso se mantém um nível racional ou falsamente racional (Adorno *et al.*, 1969).

⁵ Considera-se que Adorno usa aqui a palavra *instinct* no mesmo sentido de *Trieb* (termo alemão utilizado por Freud e também traduzido por “pulsão” em português), conforme o termo substituído na língua inglesa indicado nos “Comentários editoriais” da *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* que precedem o texto “Pulsões e destino da pulsão”, publicado recentemente pela Editora Imago em 2004, na nova tradução do volume 1 de *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Sobre esse conceito, ver: Freud, S. *Pulsões e destinos da pulsão* (1915), *Além do princípio de prazer* (1920), e os verbetes sobre “pulsão” de Laplanche e Pontalis no *Vocabulário da psicanálise*.

Em tais sujeitos, não há uma quebra completa entre a experiência e o preconceito, mas ambos contrastavam, nas entrevistas, um com o outro. No entanto, para o preconceito, nesse caso, há razões relativamente sensíveis e argumentações racionais acessíveis. Quais sejam, é necessário, para o equilíbrio de seu *ego*, que um culpado por sua situação social precária seja encontrado; assim, veem os judeus como responsáveis pelas tendências inerentes ao processo econômico da época. Provavelmente, experiências ruins com judeus nunca existiram, mas a adoção do *ticket* ocorre pelo benefício que se tira disso. Aqueles que forneceram a base para essa interpretação buscavam a culpa dentro deles mesmos e olhavam para si preconceituosamente como “fracassados”. Os judeus serviam para livrá-los superficialmente desse sentimento de culpa. O antissemitismo oferece-lhes o sentimento de serem “bons” e “inocentes” e de colocar o ônus em alguma entidade visível e personalizada. Com isso, não estão isentos de mecanismos psicológicos de caráter fascista. O contentamento em culpar o outro pelo seu próprio fracasso, e mais contentamento ainda em conseguir obter vantagens sobre grupos minoritários, também parece recorrente⁶ (Adorno *et al.*, 1969).

O tipo convencional representa a estereotipia que vem de fora, mas que foi integrada na personalidade como parte de uma conformidade geral. A aceitação dos valores convencionais é exagerada. Assim, devido a esse aceite em larga escala dos valores da civilização e “decência”, parece haver uma ausência de

⁶ A passagem em que Adorno e colaboradores. (1969) citam essa questão é extremamente semelhante a uma passagem da referida carta em que Horkheimer comenta a tipologia que desenvolviam: “O pai de família que não se preocupa. Sua situação na nossa sociedade é tal que ele está contente se alguém mais é culpado justificadamente ou injustificadamente. Ele fica mais feliz quando pode obter alguma gratificação material de tais culpas ou perseguições. Ele expressa a frieza da civilização” (Horkheimer, 1996, p. 660).

impulsos violentos: trata-se de um antissemita “bem educado”. O ponto mais forte desse tipo é o pensamento estereotipado que se refere a dividir o mundo em “bons” e “ruins”, prevalecendo o pensar em termos da dicotomia *in-group/out-group*. Ele não tem, ou não gosta de ter, “contato” com o *out-group*. Ao mesmo tempo, projeta neles seu próprio modelo de *in-group* e enfatiza a tendência do outro a associar-se a apenas um grupo seletivo. O sentimento de ser diferente é sua segurança. Nesse sujeito, o *superego* nunca foi firmemente estabelecido e ele está amplamente sob a influência de suas representações externas (Adorno e Horkheimer, 1969).

O preconceito, aparentemente, não realiza uma função decisiva na vida psicológica desses sujeitos; é apenas um meio para facilitar a identificação com o grupo ao qual pertencem ou desejam pertencer. Eles são preconceituosos, no sentido de que se apropriam de julgamentos correntes sem analisá-los por si mesmos. Quando se relacionam de alguma maneira com indivíduos que desviam do padrão, sentem-se inquietos e preocupados e parecem entrar em uma situação de conflito que tende a reforçar sua hostilidade, ao invés de mitigá-la. No caso dos entrevistados, o preconceito mais intenso era direcionado aos negros, aparentemente porque a demarcação entre *in-group* e *out-group* era mais drástica⁷. A rejeição aos judeus existia, mas era baseada na diferença com relação aos sujeitos convencionais do *in-group* ideal; os próprios judeus eram diferenciados, de acordo com graus de assimilação. Na mulher, há uma ênfase especial na vaidade e na

⁷ Dentre os participantes da pesquisa, havia apenas brancos e não pertencentes a grupos minoritários ou partidos políticos.

⁸ Com relação a esse tipo, nota-se também uma colaboração de Horkheimer: “A garota ou a mulher puramente feminina e o bravo *He-Man*, o garoto real. Esse tipo foi propriamente uma parte das entrevistas de Berkeley. A relação *in-group* e *out-group*, camaradagem, convencionalismo [...]. A ligação entre nacionalismo idealístico e antissemitismo é óbvia” (1996, p. 660).

feminilidade; no homem, foca-se em parecer um *He-Man*⁸ – dicotomia feminino/masculino (Adorno e Horkheimer, 1969).

Mais próximo de uma representação geral daqueles que obtiveram alta pontuação na escala de fascismo, destaca-se o autoritário. Segundo Adorno e colaboradores (1969), ele tem algumas semelhanças com o anterior, como o aspecto conformista no que se refere às regras sociais e à rigidez da imagem que tem do judeu. No entanto, a estereotipia nesse tipo não é apenas um meio de identificação social, mas tem uma função econômica na psicologia do sujeito, pois ajuda a canalizar sua energia libidinal, de acordo com as demandas de um *superego* severo. Assim, com relação ao desenvolvimento psicosssexual, ele segue o padrão psicanalítico clássico que envolve uma resolução sadomasoquista do complexo de Édipo, sendo a repressão social externa concomitante com a repressão interna dos impulsos. Desenvolve traços de caráter profundamente compulsivos, parcialmente devido à regressão à fase sádico-anal do desenvolvimento. Em vez de alcançar a “internalização” do controle social, o *superego* assume um aspecto irracional; seu ajustamento é realizado, então, pelo prazer obtido por meio da obediência e da subordinação. Isso faz que o impulso sadomasoquista seja, ao mesmo tempo, condição e resultado do ajustamento social, uma vez que na sociedade capitalista e neoliberal as tendências sádicas, assim como as masoquistas, encontram ampla satisfação. De acordo com Adorno e colaboradores (1969):

O padrão de tradução de tais gratificações em traços de caráter é uma resolução específica do complexo de Édipo que define a formação da síndrome em questão. O amor pela mãe, em sua forma primária, se transforma em um severo tabu. O ódio ao pai resultante é transformado em amor pela formação reativa. Essa transformação conduz a um tipo particular de *superego*. A

transformação do ódio em amor, a mais difícil tarefa que o indivíduo tem que realizar no seu desenvolvimento infantil, nunca ocorre completamente. Na psicodinâmica do “caráter autoritário”, parte da agressividade precedente é absorvida e transformada em masoquismo, enquanto outra parte permanece como sadismo, o qual busca uma saída nos “out-groups”. (p. 759)

Aqui está o aspecto-chave do seu antissemitismo. O objeto de preconceito é um substituto do pai odiado, e assume, no nível da fantasia do sujeito, aquelas mesmas características que eram encontradas no pai, como frieza, dominação e rivalidade sexual. No entanto, aqui, a rigidez da imagem do judeu tende a se tornar altamente vingativa, pois, guiado pelo medo de ser fraco e pela identificação entre autoridade e força, o sujeito rejeita tudo que é considerado, pela via do estereótipo, “inferior”. Assim, sua ambivalência é evidenciada pela simultaneidade entre a crença cega na autoridade e a prontidão em atacar aqueles que são mais fracos ou socialmente aceitos como “vítimas” (Adorno *et al.*, 1969).

No tipo chamado “rebelde e psicopata”, também se destaca a resolução do complexo de Édipo. No entanto, uma “revolta” toma o lugar da identificação com a autoridade paterna. Contudo, em vez de não desenvolver as tendências sadomasoquistas, como poderia ser esperado, a estrutura do caráter autoritário não é afetada em sua base. Isso ocorre porque o pai só é abolido por conta de sua substituição, facilitada pela exteriorização do *superego* (esta última típica de todos aqueles com alta pontuação na escala do fascismo). Outra hipótese é que a transferência masoquista tenha sido retida no nível inconsciente, enquanto a resistência é manifestada. Porém, baseando-se apenas em um nível psicológico, é quase impossível distinguir esse tipo de outro que seria, de fato, não autoritário. De acordo com Adorno e colaboradores (1969),

“aqui tanto quanto em qualquer lugar é o comportamento sociopolítico que conta, que determina se uma pessoa é verdadeiramente independente ou meramente substitui sua dependência por transferência negativa” (p. 762-763).

Entre os “sintomas” ou os comportamentos manifestos, característicos aqui, está um apego a excessos, como beber demais ou o entusiasmo juvenil que leva a atos violentos de revolta. Para Adorno e colaboradores (1969):

O extremo representativo desse tipo é o “*Tough Guy*”, na terminologia psiquiátrica, o “psicopata”. Aqui, o *superego* parece ter sido completamente inutilizado, através do advento do conflito de Édipo, por meio da regressão à fantasia de onipotência da primeira infância. Esses indivíduos são os mais “infantis” de todos: eles falharam profundamente no “desenvolvimento”, não foram moldados pela civilização. Eles são “associais”. Desejos destrutivos vêm para fora abertamente, de maneira não racionalizada. Força e dureza corporal são decisivas. A linha de fronteira entre eles e o criminoso é fluida. A indulgência deles na perseguição é cruelmente sádica, contra qualquer vítima desamparada [...]. Aqui estão os arruaceiros e encrenqueiros [...] torturadores e todos aqueles que faziam o “trabalho sujo” do movimento fascista⁹. (p. 763)

Ainda baseando-se no complexo de Édipo, o “maníaco” parece tê-lo resolvido por meio da retirada narcísica para dentro dele mesmo. Caracterizado pela frustração no mais amplo

⁹ Embora Adorno esteja, de certa maneira, descrevendo fatos, Horkheimer (1996) atenta que algum cuidado é necessário ao fazê-lo. Chamando a atenção de Adorno, ele comenta que, quando se faz um confronto entre criminosos e o que ocorreu com torturadores nazistas ou alemães agressores como um todo, parece haver um conteúdo ideológico.

sentido, substituiu a realidade por um mundo imaginário interno, ilusório e oposto a ela, pois não teve sucesso em se ajustar ao mundo, justamente em aceitar o “princípio de realidade”. Além disso, uma questão importante é a existência de traços paranoicos. Suas ideias de conspiração teriam a função de atribuir aos judeus a busca pela dominação do mundo. Segundo Adorno e colaboradores (1969), eles são propensos a formar seitas, que se relacionam de alguma maneira com a “natureza”, e isso corresponderia a sua noção projetiva do judeu como ruim e como o que estraga a pureza do natural. Assim, suas características principais seriam tanto a projetividade, quanto o medo de contaminação de seu mundo interno pela temida realidade.

A função do preconceito é protegê-los de doenças mentais, construindo uma falsa realidade contra a qual a agressividade pode ser direcionada. Sociologicamente, um traço significativo é uma falsa intelectualidade, uma adesão ao pensamento do *ticket*. Ela se dá por meio de uma crença mágica na ciência, capaz de transformá-los em seguidores da teoria racial. Eles podem ser encontrados tanto entre os que têm certo nível educacional, quanto entre trabalhadores, porém haveria um padrão encontrado em mulheres e homens isolados do processo econômico de produção: “mulheres de guerra organizadas e seguidores regulares de agitadores mesmo em períodos em que a propaganda fascista está em baixa” (Adorno *et al.*, 1969, p. 765)¹⁰.

Do mesmo modo que o maníaco, o manipulativo é caracterizado, em termos psicológicos, como aquele que teve uma resolução narcisista de seu complexo de Édipo e, além disso, não constituiu o *superego* a partir da coerção externa. A diferença é que, como uma defesa, sua evitação da psicose dá-se pela

¹⁰ Há aqui também uma colaboração de Horkheimer (1996, p. 660): “As mulheres frustradas e os homens velhos. Aqui nós encontramos as ‘mães lutadoras de guerra’, maníacas, e seguidores regulares dos agitadores mesmo em períodos quando a agitação antissemita está em ‘maré baixa’”.

redução da realidade a mero objeto de ação. Assim, ele é quase incapaz de voltar a libido aos objetos, tendo, portanto, rejeição a qualquer desejo de amar. Para os autores, esse tipo é potencialmente o mais perigoso; sua característica sobressalente é a extrema estereotipia: “noções rígidas se tornam fins ao invés de meios, e o mundo todo é dividido em campos vazios, esquemáticos e administrativos” (Adorno *et al.*, 1969, p. 767).

Ele teria algo de esquizofrênico, mas a ruptura entre mundo interno e externo não resulta em introversão, mas, sim, em um tipo de “super-realismo compulsivo que trata tudo e todos como objeto a ser manuseado, manipulado, medido pelos padrões práticos e teóricos do próprio sujeito” (Adorno *et al.*, 1969, p. 767). Segundo os autores, ele pode ser cada vez mais encontrado entre pessoas de negócio e trabalhadores da área de gerenciamento e tecnologia, com cargos altos na hierarquia de produção. São inteligentes, porém, sem afeto, o que os torna impiedosos. Os autores citam Heinrich Himmler como seu símbolo entre os fascistas na Alemanha. Mesmo o antissemitismo é reificado; assim, sequer sentiriam ódio dos judeus e a relação com as vítimas seria puramente administrativa. No entanto, a provocação que sentem provir dos judeus se referiria ao fato de que o individualismo e as relações humanas entre os judeus são desafios para sua estereotipia. A única qualidade moral encontrada seria a lealdade, caracterizada como identificação completa e incondicional de uma pessoa com o grupo ao qual pertence (Adorno *et al.*, 1969).

O rígido é, segundo os autores, um dos tipos, entre os sujeitos com baixa pontuação na escala do fascismo, que tem mais características em comum com os de alta pontuação, a ponto de dificilmente ser distinguido de alguns dali. Ele é também disposto ao pensamento totalitário, e a marca particular da fórmula ideológica do mundo com que entrou em contato é acidental. A autoridade paterna e seus substitutos sociais são frequentemente

trocados pela imagem de alguma coletividade, a maioria com características compulsivas e paranoicas. Tem fortes tendências de *superego* e características compulsivas. Possui estereótipos bem marcados, uma vez que a inexistência de preconceito, apesar de baseada em experiências concretas e integradas com a personalidade, é derivada de algum padrão ideológico externo; assim, o “não preconceito” aparece da mesma forma que um item da plataforma fascista. A falta de preconceito é ideológica e superficial também em termos de personalidade; além disso, tem certo desinteresse por assuntos relacionados às questões minoritárias. Usa tantos clichês quanto quaisquer outros, deduz seu lugar no mundo de alguma fórmula geral, em vez de realizar pensamentos espontâneos, e realiza julgamentos de valor que não podem ser baseados em algum conhecimento real do que estaria em questão. Tais pessoas seriam encontradas, por exemplo, entre jovens, “progressistas” e estudantes (Adorno *et al.*, 1969).

A maioria dos “neuróticos” tem uma grande participação no modelo de síndrome denominado contestador, segundo o tipo descrito por Adorno e colaboradores (1969) entre os sujeitos de baixa pontuação. Esses sujeitos têm muito em comum com o autoritário explicitado entre os tipos com alta pontuação. A diferença principal entre eles é que esse, tipo, em vez de aceitar a autoridade heterônoma, a rejeita, a despeito de sua sublimação da ideia de pai e da concomitante hostilidade com relação a ele; assim, parece ter uma consciência autônoma e independente dos códigos externos. Sua característica marcante é a oposição, que, por vezes, aparece como tirania. Seus determinantes são psicológicos e não racionais, baseados em uma resolução específica do complexo de Édipo que o afetou profundamente. Ao mesmo tempo em que se manifesta contra a autoridade do pai, internalizou sua imagem em alto grau; assim, diz-se que seu *superego* é tão forte, que se volta contra o próprio modelo. Frequentemente, são pessoas tímidas, “retraídas”, com dúvidas

sobre si mesmas, e sempre se atormentam com todos os tipos de incertezas e escrúpulos. Mesmo sua reação contra o preconceito parece ter sido forçada pelas demandas do *superego* e, mesmo não sendo autoritárias em sua maneira de pensar, são em geral conscritas psicologicamente. Os entrevistados que formaram esse grupo viam os judeus *a priori* como “vítimas”, como diferentes deles mesmos. Embora detestem discriminação, podem julgar difícil, algumas vezes, permanecer contra ela. Socialmente, esses sujeitos pertenciam à classe média e frequentemente tinham problemas familiares, como divórcio dos pais (Adorno *et al.*, 1969).

O impulsivo, por sua vez, parece estar relacionado com o rebelde e psicopata. São pessoas bem ajustadas que têm um *id* bastante forte, mas estão relativamente livres de impulsos destrutivos. O próprio descontentamento durante a vida parece tê-los levado a uma posição de crítica com relação à sociedade. No entanto, um ponto fraco no *ego* e no *superego* parece existir, o que faz deles instáveis com relação à política, assim como a outras áreas. São atraídos por tudo que parece ser diferente e promete novas formas de gratificação; além disso, simpatizam com tudo que entendem estar reprimido. A relação *in-group/out-group* não significa nada para eles, pois respondem fortemente a todos os estímulos. Se tiverem elementos destrutivos, eles parecem estar voltados contra os próprios sujeitos e não contra outros. É um tipo formado por prostitutas, criminosos não violentos e alguns psicóticos. Adorno e colaboradores (1969) comentam que, na Alemanha nazista, poucos elementos desses grupos podiam ser encontrados entre os que aderiram ao regime totalitário; aliás, faziam parte daqueles que eram colocados nos campos de concentração, como os artistas de circo e os atores. Eles não pensam por estereótipos, mas é duvidável até que ponto obtêm sucesso em suas conceitualizações (Adorno *et al.*, 1969).

Assim como o tipo anterior, o *id* do “pacato” parece ter sido pouco reprimido, mas sublimado em forma de compaixão.

Ele parece ser o oposto do tipo manipulativo. O *superego* é bem desenvolvido, visto que realiza algumas funções do *ego*. Às vezes, esses sujeitos chegam perto da indecisão neurótica. Uma de suas principais características é o medo de machucar alguém pela ação. Adorno e colaboradores (1969) apresentam seus aspectos negativos e positivos. Os primeiros são caracterizados por uma tendência passiva próxima da conformidade; assim, raramente são radicais na visão política, mas vivem como se, de fato, estivessem em condições não repressivas, em uma sociedade verdadeiramente humana. Outras características são: a relutância em tomar decisões e frequentemente deixar frases em aberto, como que para o próprio ouvinte completar o que julgar válido. Possuem uma riqueza psicológica composta pela capacidade de gostar das coisas, pela imaginação e pelo senso de humor, mas este último assume, em geral, a forma de autoironia, tão destrutível quanto as características listadas antes. Os aspectos positivos poderiam ser resumidos em capacidade de entrega sem medo de perder a si mesmos e a completa não estereotipia, não por serem resistentes a ela, mas simplesmente por não entenderem o desejo de subsunção. Sua dinâmica é assim descrita:

Eles são pessoas cuja estrutura de caráter não se tornou “congelada”: nenhum padrão de controle por nenhuma agência da tipologia de Freud está cristalizada, mas eles são completamente “abertos” à experiência. Isso, contudo, não implica fraqueza do *ego*, mas ausência de experiências traumáticas que levariam à “reificação” do *ego*. Nesse sentido, eles são “normais”, mas é essa normalidade que dá a eles nessa civilização a aparência de uma certa imaturidade. (Adorno *et al.*, 1969, p. 779)

Assim, parece que em seu desenvolvimento infantil há a ausência de grandes conflitos, mas a presença de imagens maternas. Isso colabora para o indicativo da existência, neles, de

um traço arcaico: a ideia de um mundo matriarcal. Para os autores, “eles podem frequentemente representar, sociologicamente, o genuíno elemento ‘folk’ como contra a civilização racional” (Adorno *et al.*, 1969, p. 779). Frequentemente, fazem parte da classe média baixa. Com isso, embora nenhuma ação seja esperada dos representantes desse tipo, pode-se esperar que, sob nenhuma circunstância, se ajustem ao fascismo político ou psicológico.

Um construto balanceado entre *id*, *ego* e *superego*, que Freud determinou como ideal, pode ser encontrado no que se chamou de liberal genuíno. Esse sujeito é caracterizado por um forte sentido de autonomia pessoal e independência. Seu *ego* é desenvolvido, mas não é libidinizado; assim, raramente é “narcisista”. Porém, não deixa de possuir traços dos tipos listados anteriormente com relação àqueles de baixa pontuação. Tal como o impulsivo, ele é pouco reprimido e tem dificuldades de manter a si mesmo sob controle; no entanto, aceita suas consequências. Suas emoções não são cegas, mas direcionadas a outras pessoas como sujeitos; seu amor não é apenas desejo, mas também compaixão. Com o “contestador”, compartilha o vigor da identificação, mas sem os traços de compulsão e compensação; não há uma adesão fervorosa e apaixonada na defesa das minorias. Assim como o pacato, ele é “antitotalitário”, mas muito mais consciente, e sem o elemento de indecisão e hesitação. Ao contrário deste, o liberal genuíno é franco em suas reações e opiniões. Assim como não admite interferências alheias em suas opiniões e decisões, também não pretende interferir nas ideias dos outros, pois, como é fortemente “individualizado”, vê os outros, sobretudo, como indivíduos. Ao mesmo tempo, se considera que algo de errado está sendo feito, não permanece passivo, mesmo se sua reação significar perigo para ele mesmo, o que seria uma de suas qualidades: coragem moral (Adorno *et al.*, 1969).

Em quase todos os tipos descritos, as análises deram-se em torno do desenvolvimento dos sujeitos a partir da resolução do complexo de Édipo. Isso porque é a partir de tal resolução que a relação com a autoridade será realizada na vida adulta. No entanto, se por um lado a resolução do Édipo é mediada pela família, por outro, não é apenas por ela. Se, em alguns casos, uma família autoritária pode gerar sujeitos predispostos ao preconceito, por outro, tal predisposição pode vir a ocorrer justamente pela necessidade de autoridade, tal como na República de Weimar, em que a autoridade familiar estava enfraquecida. A questão não é apenas a introdução de um modelo de autoridade, mas, antes, a crítica ao próprio modelo necessária à diferenciação entre o sujeito e o mundo externo. Porém, no caso em que tal introdução não ocorre, há a busca por critérios externos, e aqui a falta de reflexão, essencial para a individuação, é também uma constante (Crochík, 2006).

Pode-se perceber ainda, na observação dos tipos apresentados, que não se deve absolutizar a dicotomia entre aqueles com alta e baixa pontuação na escala do fascismo, pois muitos do segundo caso são tão susceptíveis aos *tickets* quanto os demais. Rouanet (1998), ao comentar essa tipologia, atenta para que todos os tipos, à exceção do liberal genuíno e talvez do paco, são, em grau maior ou menor, moldados por estereótipos culturais que, associados às tendências psíquicas, determinam as formas de pensar e agir. Não obstante, embora se tenha falado mais em termos psicológicos, a ênfase da determinação é dada à cultura. Nos tipos de alta pontuação, parece sobressair o fator cultural, enquanto nos de baixa, o psicológico; mas, no fundo, o que a tipologia denuncia, pela variedade de tipos, é como são diversas as formas com que a sociedade se impõe aos sujeitos. Assim, trata-se de uma

autonomia aparente, que acaba resultando funcional para um sistema que exige, para sua sobrevivência, algum tipo de criatividade e de iniciativa por parte de um certo número de indivíduos. É a própria sociedade que condiciona nos indivíduos a forma e o grau de sua autonomia com relação a essa mesma sociedade, por um mecanismo análogo ao da determinação em última instância pelo econômico, que significa, em alguns casos, uma determinação econômica direta, e em outros que a eficácia do econômico se exerce mediatamente, através da dominância atribuída a uma instância extraeconômica. (Rouanet, 1969, p. 189)

De acordo com Crochík (2006), o processo social, o progresso tecnológico e o sistema capitalista criam um emaranhado de relações em que a reflexão autônoma, essencialmente necessária para o ideal de indivíduo do iluminismo, passa a ser um obstáculo ao seu desenvolvimento, requerendo dos sujeitos, ao contrário, uma submissão instantânea. Ao contrário da presença de uma maioria que livremente poderia ser de “liberais genuínos”, como poderia se supor, o preconceito não é uma exceção, mas parece ser a regra geral das relações humanas na atualidade. Mesmo que não atinja algo da dimensão do fascismo, um menor grau de predisposição ao preconceito não significa uma isenção de perigos para o convívio social; apenas um outro modo de adaptação a um mundo massificante.